
A revista curitibana *Gran-fina* (1940-1942) e as regras de boa conduta feminina¹

Jasmine Horst dos Santos²
Márcio Ronaldo Santos Fernandes³

Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro

Resumo

Trata-se de estudo exploratório sobre as regras de conduta feminina ditadas por uma das mais importantes revistas do Estado do Paraná (Brasil) no século 20, denominada *Gran-Fina*, em uma época de crescente urbanização. O discurso jornalístico não é entendido aqui como lugar de descrição histórica da mulher, mas sim como um local de reiteração de sentidos que possibilitam entender o contexto histórico e cultural em que a revista estava inserida e a forma como a figura feminina era orientada a seguir padrões disseminados através da mídia.

Palavras-chave

Identidade; Estudo de gênero; Manual de conduta; História

Corpo do trabalho

Ribeiro (2005) trabalha a ideia do jornalismo como uma “arena de discursos”, em que uma pluralidade de vozes – consonantes, contrárias, antagônicas – se manifestam, mostrando ou refletindo padrões de comportamento social. Assim como Ribeiro (2005), Barbosa (2007) também entende a mídia como lugar de memória nas sociedades contemporâneas, pois os seus discursos semantizam e alocam sentido a determinado fato. Nosso objetivo, com esse trabalho é apontar quais as regras de conduta eram ditadas pela revista *Gran-Fina*, uma das mais importantes do Estado do Paraná,

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista diplomada pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Paraná, Brasil. Mestre em Letras pela Unicentro, com bolsa Capes. Investigadora do grupo de pesquisa Conversas Latinas em Comunicação (CLC), tendo apresentado resultados parciais de seus estudos científicos no Brasil e na Argentina. E-mail: jasmine_horst@hotmail.com.

³ Jornalista diplomado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)/Brasil. Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com doutoramento-sanduíche pela Universidade de Lisboa (UL), Portugal. Coordenador do grupo de pesquisa Conversas Latinas em Comunicação (CLC) e coordenador do grupo de pesquisa História do Jornalismo da Intercom. Professor do Departamento de Comunicação Social (Decs) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Paraná/Brasil, e de programas de pós-graduação (Mestrado e Doutorado) no Brasil e no exterior. E-mail: marciofernandes@unicentro.br.

localizado na região Sul do Brasil, entre os anos de 1940 e 1942, período em que a publicação circulou.

É importante ressaltar que haviam colunas e seções destinadas ao público feminino dentro da revista, e que, em alguns momentos, havia uma interação entre as leitoras e o veículo de comunicação. Por se tratar de uma importante revista da capital do estado, tudo o que era divulgado por ela, os seus discursos, eram tomados como verdade irretocável. Portanto, as mulheres deveriam tomar os exemplos das páginas do periódico como regras a serem seguidas, sob pena de não se adequar ao modelo feminino divulgado pelos meios de comunicação da época, neste caso, pela revista *Gran-Fina*. Assim, além de percebermos essas “regras de conduta”, também objetivamos fazer uma relação entre os meios de comunicação e a difusão de modelos de ser.

A revista como feminização da imprensa

Segundo Baptista e Abreu (2010, p.2), as primeiras revistas desembarcaram no Brasil no início do século XIX, junto com a Corte Portuguesa. A primeira brasileira, *As Variedades ou Ensaios de Literatura*, surgiu em Salvador no ano de 1812, seguindo os modelos de periódicos tradicionais utilizados no mundo editorial da época, que visavam difundir padrões e costumes sociais. As revistas de variedades, mais especificamente, surgiram em 1849, mas começaram a ter um formato parecido com as de hoje a partir de 1900. Apesar da modernização pela qual as revistas passaram, algumas características, tais como a difusão de padrões e costumes, numa espécie de “manual civilizatório” continuaram.

Segundo Buitoni (1990, p.17), a revista funcionou como uma espécie de feminização da imprensa, pois: [...] “Lazer e um certo luxo foram-se associando à ideia de revista no século XX. E a imprensa feminina elegeu a revista como seu veículo por excelência”. De acordo com a autora, entre os motivos pelos quais esse “relacionamento” entre a mulher e a revista aconteceu, estão o fato de as revistas de variedades começaram a utilizar uma linguagem pessoal, “conversando” com seus leitores e, nas seções femininas, essa diferença na linguagem era ainda mais notável. Dessa forma, é possível entender os motivos de se utilizar de um meio de comunicação tão querido pelas mulheres para incentivar uma “boa conduta”, por parte delas.

As constantes mudanças no cenário social também são refletidas no discurso jornalístico. Entende-se que, através da análise da revista *Gran-Fina*, é possível perceber as nuances dos lugares sociais e possíveis identidades construídas (HALL, 2005) pela e para a mulher no contexto paranaense. Huyssen (1996), apresenta um argumento sobre as relações da cultura de massa e o universo feminino surgidas no século XIX e que prevaleceram até meados do século XX. O autor explica que a leitora desse período é “construída” como uma pessoa subjetiva, emocional, passional, transformando-se, então, numa “mulher consumidora de literatura massificada” (HUYSSSEN, 1996, p. 43). Com esse perfil estigmatizado, nada mais consequente do que criar nas revistas seções que refletissem aquilo que se esperava delas, numa espécie de “manual”.

Maia (2000) aponta o desenvolvimento dos meios de comunicação como um dos fatores que potencializam o que ela chama de “pluralização da sociedade contemporânea”, já que, de acordo com ela, através dos meios de comunicação, as pessoas podem observar realidades diferentes. Entretanto, a autora ressalta que esse não é o único fator responsável pelas criações identitárias modernas, já que a fragmentação da vida social, causada pela urbanização, tem sua parcela nessas transformações, que faz com que o sujeito deixe de ter apenas o “eu” para se preocupar e acabe tendo que conviver com o “nós”.

A mídia introduz continuamente elementos para que os membros de determinadas formas de vida articulem seus referentes culturais. Os significados dados pelos quadros de referências locais têm que ser continuamente negociados com aqueles referentes mediados, isto é, com novos padrões de identificação e novos conhecimentos dados por outras comunidades que não estão no contexto local compartilhado. (MAIA, 2000, p. 48)

Durante o início da década de 1940, as revistas curitibanas tinham essa propriedade de introduzir comportamentos que eram esperados de seus leitores. No caso das colunas femininas, elas funcionavam como um manual de atitudes que eram esperadas e também daquilo que não deveria ser feito para que elas se mantivessem dentro dos preceitos da moral e dos bons costumes, e dessa forma, fossem respeitadas dentro da sociedade. De acordo com Bassanezi (2008), as revistas desse período traziam a reflexão de um consenso social sobre a moral e os bons costumes, promoviam valores de classe, raça e gênero dominantes naquela época:

Como conselheiras, fonte importante de informação e companheiras de lazer, as revistas influenciaram a realidade das mulheres de classe média de seu tempo assim como sofreram influências das mudanças sociais vividas – e algumas, também promovidas – por essas mulheres. (BASSANEZI, 2008, p. 609).

A revista *Gran-fina* foi fundada em Curitiba no início da década de 1940. Seu foco principal eram os acontecimentos gerais da sociedade paranaense, com destaque para assuntos que envolvessem diretamente a capital do estado. Embora seu público principal não fossem mulheres, elas estavam presentes em algumas matérias específicas do periódico e também em algumas colunas destinadas a elas, que tratavam, principalmente, de assuntos relacionados ao comportamento feminino.

Durante a década de 1940, as colunas e reportagens destinadas à mulher abordavam assuntos relacionados à vida da dona de casa, como o cuidado com o lar e a aparência. É difícil saber quem escrevia as reportagens da revista *Gran-fina*, pois a maioria das páginas não trazia o nome do responsável, salvo alguns casos. A revista tinha periodicidade quinzenal, com circulação em todo o Paraná e em um pequeno território do estado de Santa Catarina. Cada exemplar tinha aproximadamente 60 páginas, onde se mesclavam páginas coloridas com preto e branco, além de seções fixas e aleatórias.

Lipovetsky (2000) traz algumas percepções a respeito da mulher em diferentes períodos histórico-culturais, traçando diferentes perfis. O primeiro é a mulher dos tempos primitivos, que exercia praticamente os mesmos trabalhos que o homem. Já o segundo diz respeito à mulher submissa, aquela que passa a apresentar uma feminilidade maior, mas que é considerada inferior ao homem. Nesta caracterização, enquadra-se a mulher da década de 1940, cuja identidade voltava-se para a posição de filha, mãe e esposa, o que era refletido pelas publicações da revista.

Nora (1993) define o conceito de “lugares de memória” que, para ele, vão desde o objeto material e concreto, ao mais abstrato e simbólico. Dessa forma, os lugares de memória são locais, que podem ser materiais ou imateriais, em que a memória de uma sociedade se cristaliza e podem exercer papel fundamental na formação da identidade de um povo.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras

fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais [...]. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. (NORA, 1993, p.13)

Em alguns momentos, a própria revista se coloca como um “lugar de memória”, mesmo talvez nem tendo a intencionalidade de fazer isso, reforçando a ideia de Nora (1993):

“Imaginamos, daqui vários anos, uma moça que encontrará um exemplar da nossa *Gran-fina* entre os pertences de sua avó. Os tempos serão outros, talvez os costumes tenham mudado bastante. Entretanto, com toda certeza, a sociedade ainda saberá valorizar uma moça de família, bem educada e prendada”. (GRAN-FINA, 1942, p. 18).

Curitiba da década de 1940

No início da década de 1940, período em que a revista *Gran-fina* circulou, Curitiba, capital do estado do Paraná, possuía 140 mil habitantes, que estavam divididos entre vinte bairros. A capital paranaense era tida como uma das mais industrializadas do país, entretanto, a agricultura também representava uma importante base da economia. Essa característica da cidade ainda estar ligada à atividades rurais, influenciava muito nos modos de seu povo, onde se mesclavam características de cidade moderna e outras de cidade interiorana.

A ida à missa ou ao culto dominical era um ritual cumprido semanalmente por grande parte da população curitibana. Homens e mulheres, com suas melhores roupas de passeio, assistiam à missa em alas separadas. No lado esquerdo, ocupado exclusivamente pelas mulheres, a mistura do branco e preto dos véus diferenciava as solteiras das casadas, bem como o caimento da roupa e o porte definiam a classe social de cada uma delas. Após a missa, os homens aguardavam na porta as esposas, noivas e namoradas e seguiam para casa a pé ou de automóvel, a fim de cumprir o restante do ritual de domingo. Depois do almoço com a família, os programas habituais, de acordo com cada faixa etária eram: matinê, futebol, ida ao clube, visita a parentes ou simplesmente repouso para enfrentar a semana seguinte. (BOSCHILIA, 2010, p.38).

Esses “hábitos”, típicos de cidades interioranas que foram trazidos para a capital, também eram perceptíveis quando o assunto era a imprensa paranaense. A predominância do público alvo das revistas era o masculino, entretanto, havia espaços dentro dos periódicos em que as mulheres eram o foco das matérias, normalmente em seções comportamentais.

Nesse período, com a crescente demanda de mão de obra, as mulheres começaram a conquistar seu espaço no mercado de trabalho. Segundo Boschilia (2010), a grande maioria estava ligada ao setor industrial, onde correspondiam a cerca de 11,4% dos mais de 12 mil trabalhadores ligados a esse setor. A maior parte das mulheres que começavam a despontar no mercado de trabalho vinham de classes econômicas mais baixas, e eram, quase em sua totalidade, moradoras dos subúrbios curitibanos.

Segundo Boschilia (2010), havia, por parte dos governantes da época, um interesse na construção de uma imagem de cidade próspera e ordeira, em todos os sentidos, que englobavam desde o sentido político até o familiar. Apesar de já ser possível encontrar a figura feminina no mercado de trabalho, a imagem de “ordem” que persistia na cidade fazia com que os espaços urbanos ainda tivessem sérias restrições ao que seriam lugares permitidos à mulher, e outros onde elas não eram bem vindas, ou, caso frequentassem, não seriam bem vistas.

As mulheres, com exceção daquelas que utilizavam a própria rua como espaço de trabalho, sofriam limitações não só de horário, mas também de acesso a determinados locais. As confeitarias, principalmente aquelas que vendiam bebidas alcoólicas eram um exemplo típico de espaço proibido às mulheres [...] o acesso das mulheres a estes locais só era permitido se ela estivesse acompanhada por um homem. (BOSCHILIA, 2010 p.39)

Segundo Pena (*apud* Boschilia, 2010), o início da industrialização no Brasil caracterizou-se pela pouca mão de obra disponível, o que possibilitou a entrada das mulheres de classe mais baixas nos espaços industriais.

É importante observar que o Código Civil de 1916 legitimou a posição do homem como chefe da família. Nesse sentido, até 1943 o trabalho feminino deveria ser autorizado pelo homem da família. Entretanto, por mais que a autorização lhe fosse concedida, o trabalho feminino não era visto com bons olhos. Segundo Boschilia (2010), o trabalho industrial feminino era visto como a causa de problemas de ordem familiar e social.

Não obstante, no Brasil, desde o final do século XIX o trabalho industrial da mulher foi alvo de críticas feitas por autoridades sanitárias e policiais, educadores, políticos, imprensa e operariado. Esse discurso era utilizado de forma a responsabilizar o trabalho industrial feminino pelos problemas de escolarização, delinquência, mortalidade infantil, desemprego e desintegração familiar. Nessa perspectiva, o trabalho industrial feminino poderia ser responsabilizado pelos problemas criados pela própria organização do sistema, que mantinha inalteradas as condições de vida e trabalho do operariado. (BOSCHILIA, 2010, p. 43-44).

Trindade (1996), nos fala que o discurso de alguns grupos curitibanos, que se empenhavam na tentativa de reorganizar a sociedade como progressista, fizeram a cidade se modernizar e possibilitaram aberturas sociais para inclusão da figura feminina, entretanto, ao mesmo tempo, ainda há um conservadorismo, ligado, principalmente à posições católicas e a outros grupos reacionários que buscavam impedir a presença feminina em espaços sociais.

Nesse momento em que a cidade avança no sentido de sua “modernização” e amplia suas opções de lazer e áreas de trabalho, a discussão sobre a expansão da participação feminina impregna-se das propostas que acompanham esse novo universo progressista e liberal. (TRINDADE, 1996, p. 147).

O cotidiano de Curitiba durante a Segunda Guerra Mundial, de acordo com Boschilia (1995), refletia, mesmo que indiretamente, o maior acontecimento histórico do século XX. Desde o seguimento do entretenimento, como o rádio, que por conta do decreto-lei 4.098, era obrigado a transmitir comunicados do Serviço de Defesa Passiva Anti-aérea, passando pela Literatura, com lançamentos de livros que tratavam da temática da guerra, e chegando, até mesmo à moda da cidade, que com a escassez de tecidos finos mudou toda a rotina de trabalho das modistas da cidade, o que fez com que novas lojas de roupas já prontas viessem se estabelecer na capital paranaense.

Nos cinemas, que se tornaram uma das principais opções de lazer do povo curitibano na época, de acordo com Boschilia (2010), quase todos os filmes exibidos faziam referência à guerra. E assim como o rádio, antes de cada filme era exibido um cine-jornal que mantinha os curitibanos à par dos principais acontecimentos. Além disso, o espaço do cinema era utilizado como uma área de convivência, principalmente por crianças, que se encontravam para brincadeiras e trocas de gibis.

Apesar das dificuldades no campo econômico e das diferenças étnicas e ideológicas existentes, a população, de maneira geral, obedeceu às determinações estabelecidas pelo governo e exército, procurando adaptar-se às novas condições de vida, de maneira consciente e solidária. Após a partida dos soldados brasileiros, convocados para lutar na Itália, o desejo de que a guerra terminasse o mais depressa possível tomou conta das pessoas. (BOSCHILIA, 1995, p. 59).

De acordo com Trindade (1996), independente de grupo social, das origens culturais e das crenças religiosas, todos os grupos curitibanos viam a mulher com vocações domésticas, de modo que a mídia local evidenciava essa visão acerca da figura feminina de ser frágil e superficial, e de ter preocupações relacionadas apenas à aparência e à moda.

Em 1940, segundo Boschilia (2010), cerca de 78% das moradoras de Curitiba ocupavam-se com atividades domésticas. Os outros 22% estavam divididos entre a área de serviços, o setor agrícola e industrial e o funcionalismo público.

Depois destas a ocupação feminina mais frequente estava na área de serviços (4,8%). A preferência das mulheres por essa atividade é facilmente explicada pelas condições favoráveis em que ela pode ser exercida. Primeiramente, porque possibilita que o trabalhador continue tendo certa autonomia, podendo dispor do seu tempo livremente e, por consequência, facilitando a associação do trabalho profissional com os afazeres da vida doméstica (BOSCHILIA, 2010, p. 57-58)

Boschilia (2010) nos traz a informação de que entre os anos de 1935 e 1945 o custo de vida triplicou em Curitiba. Esse aumento no custo de vida trouxe a necessidade de se ajudar no orçamento de casa, o que levou muitas moças a procurarem um emprego. Entretanto, havia uma parcela bastante significativa de mulheres em boas condições financeiras que também adentraram o mercado de trabalho.

O próprio discurso (do momento) tinha uma viés que permitia a presença no espaço do trabalho daquelas mulheres que não possuíam quem as sustentasse. Em Curitiba, como nos outros centros, era grande o número de mulheres que precisavam trabalhar para sobreviver ou auxiliar no sustento da casa. Contudo, uma parcela significativa das jovens empregadas na indústria, principalmente no setor têxtil, não se enquadrava necessariamente nesse perfil. (BOSCHILIA, 2010, p. 118).

A revista e as regras de boa conduta feminina

Segundo Buitoni (1990, p.22), quase não há revista que não trate do tema coração, uma das vertentes do tema comportamento, que pode ter diferentes enfoques, seja o romance, o melodrama, a análise ou o sexo. E com as publicações paranaenses não era diferente, de forma direta ou indireta, o assunto relacionamento sempre vinha à tona. Uma coluna em específico, que esteve presente em praticamente todas as edições da revista, desde sua criação, e que sempre trazia assuntos relacionados ao tema do coração, era a “Todas querem ser bonitas”, um espaço assinado por alguém que se utilizava do codinome “Madame Helena”, uma consultora sentimental e de beleza. A coluna servia como uma espécie de manual de como a mulher deveria se vestir, se maquiar, se pentear, de modo a estar dentro dos padrões de beleza da época, que em muito se pareciam com os padrões adotados pela indústria hollywoodiana. Em alguns textos da coluna, é possível perceber que a mulher que não seguisse tais padrões era acusada de não estar se esforçando para encontrar um bom marido, ou então para estar bem apresentável na sociedade.

Seja amiga do seu esposo. Deixe-o viver sua vida. Seja uma boa esposa e nunca deixe-o mais estressado quando chegar em casa. Se ele vai para casa é para descansar, e é obrigação feminina ajudar-lhe nesta tarefa. (TODAS QUEREM SER BONITAS, 1941, p. 11).

Através da análise de revistas do começo da década de 1940, fica claro que, de acordo com a imprensa da época, casamento era o principal anseio que rondava as moças de então. Para “arranjar um bom partido”, o sonhado príncipe encantado, a forma de se posicionar socialmente era fundamental. Para se inteirar dos “truques” dessa árdua missão, nada mais confortável do que aprendê-los através das páginas de uma revista, em que os “manuais” já estavam pronto, e, portanto, bastava coloca-los em prática. A mídia impressa da época “cobrava” um perfil que deveria ser seguido pelas mulheres, fosse no campo pessoal ou profissional.

A mulher que já trabalhava também era lembrada pelos conselhos da revista. Na coluna intitulada “*Carnét* da mulher que trabalha”, um espaço que não era assinado, as mulheres eram orientadas a como deveriam proceder para serem bem vistas por seus chefes e como manterem a casa em ordem, mesmo dedicando boa parte de seu tempo à

profissão. Dicas como “Em hipótese alguma utilize-se de decotes para trabalhar” ou “Ao cruzar as pernas, tome cuidado para que não vejam o que há debaixo de suas saias”, eram comuns nessa coluna. O periódico fazia questão de lembrar que toda mulher que trabalhava ainda assim deveria se portar como uma dama, sem jamais esquecer daquilo que lhe fora ensinado, sem jamais deixar-se levar por ofertas “obscuras”, que pudessem surgir em suas profissões.

Se você tem medo de ser feia, então cuide muito dos cabelos e dos dentes. Ou, caso contrário, não arranjará nenhum bom emprego. (CARNÉT DA MULHER QUE TRABALHA, 1941, p. 22).
Prefira um vestido simples, que não dê na vista e seja elegante para trabalhar. Você não está no escritório para chamar atenção. (CARNÉT DA MULHER QUE TRABALHA, 1941, p. 15).

Uma das seções da revista que mais permitem entender quais eram as atitudes que se esperavam de uma típica mulher curitibana, era a “Meu bebê é minha vida”. Apesar do nome, ela não tratava apenas do tema maternidade, mas sim de como as mulheres deveriam se portar, de um modo geral, diante de diversos assuntos do dia-dia. Era muito comum que se falasse sobre as formas de como as filhas deveriam agir com seus pais, de como as mulheres deveriam ser com seus maridos, e, claro, de como elas deveriam se portar quando chegassem à fase da maternidade. A figura feminina era vista pelo periódico como abaixo do homem. Dessa forma, as mulheres, desde o seu nascimento, estavam condicionadas a sempre receberem ordens vindas de um homem, primeiramente de seus pais, depois de seus esposos e, quando se tratava de uma mulher que estava ingressa no mercado de trabalho, de seus chefes. Assim, seu papel passaria de boa filha para boa esposa, boa mãe e boa empregada. É possível encontrar indícios de que haviam mulheres que fugiam desse padrão, mas, nesta seção elas eram utilizadas como um “exemplo do que não ser”, e estes perfis estavam presentes em charges e textos que criticavam essa postura decidida e independente das mulheres.

Cabe à mulher a tarefa de cuidar para que o lar seja um lugar feliz. Uma criança bem cuidada, bem alimentada e limpa, a casa em ordem e um marido bem recebido depois do trabalho, são as chaves para a felicidade do lar. (MEU BEBÊ É MINHA VIDA, 1942, p.22).

Algumas matérias traziam dicas de como a mulher deveria se portar no ambiente profissional. A maioria dos textos ainda chamava a atenção para o fato de que elas

deveriam sempre agir de forma a não “mexer com a cabeça do patrão”. Isso mostra que havia muita pressão social sobre a mulher, e que a culpa por possíveis assédios seria sempre delegada à ela. Dessa forma, era comum que a revista trouxesse dicas de como se portar no meio profissional. Essas dicas iam desde a roupa que a mulher deveria usar até pedidos de que ela cuidasse para que um sorriso não fosse interpretado como sinal de segundas intenções.

Quanto ao riso, aconselho-lhe o provérbio seguinte: Quem ri por último, ri melhor. Rir o tempo todo pode passar uma imagem de mulher fácil, mas não rir também pode ser interpretado de uma maneira errada. Seja feminina e prefira sempre a moderação. (TODAS QUEREM SER BONITAS, 1941, p. 06).

Apesar da revista destinar algumas colunas e seções às mulheres, percebe-se que, de um modo geral, normalmente os textos tratavam das coisas através do ponto de vista masculino, mesmo quando as mulheres eram o tema principal da matéria ou reportagem, a situação era vista a partir do que os homens pensavam sobre o assunto.

Haviam alguns espaços dentro da *Gran-fina* que permitiam que as mulheres mandassem cartas com dúvidas de natureza geral. Essas cartas nunca eram publicadas em sua íntegra, além disso, é difícil afirmar sobre a veracidade das perguntas enviadas pelas leitoras à revista. Não há como saber se eram leitoras reais que encaminhavam as perguntas ou se a própria equipe de redação as inventava. Mesmo assim, partimos da ideia de que elas refletem, o perfil identitário da mulher no período já citado. Por trás de cada carta respondida, é possível notar que a revista deixava um conselho ou dica de como a mulher deveria agir em diferentes situações.

Recebemos a carta de uma professora. É noiva de Davi, também professor, ele é bom, mas tem alguns defeitos que a envergonham perante os amigos, como não tirar o chapéu no elevador, não abrir a porta do carro para a noiva, não se levantar quando chega uma visita. Nosso conselho: A jovem deve parar de se preocupar com a opinião dos outros sobre o noivo. Querer um homem polido, que seja um lacaio, que a atenda em todos os desejos, pode tirar a originalidade dele. Não case com um homem para tentar mudá-lo. (NÃO CASE COM..., 1941, p. 23).

Algo perceptível ao analisar a revista diz respeito a forma como a mulher era vista pelas próprias mulheres, ou seja, a visão que elas tinham delas mesmas. Em alguns trechos das colunas já mencionadas, há pedidos de conselhos e perguntas em que as mulheres se referem a outras mulheres.

Fico em dúvida se uma mulher conseguiria manter-se fiel à moral e aos bons costumes trabalhando fora de casa. Sou mulher e acredito que nosso papel é ficar dentro de casa e trabalhar em prol da felicidade da família. Se seu marido chega em casa, depois de uma longa jornada de trabalho ele espera encontrar seu jantar preparado, um bom banho quente e o colo de sua esposa, ela não quer encontrar uma esposa também cansada, e que queira discutir problemas de trabalho. (MEU BEBÊ É MINHA VIDA, 1941, p. 34).

A forma como a leitora se refere às mulheres que trabalhavam fora vem de encontro ao que Trindade (1996) fala sobre a objeção das próprias mulheres à presença feminina nos espaços públicos:

Dessa maneira, as próprias mulheres fazem, muitas vezes, objeção à presença feminina nos espaços externos, sobretudo em se tratando dos ambientes de trabalho. A discussão dessa possibilidade, cada vez mais presente no decorrer do período, atinge pontos mais polêmicos do que as atribuições domésticas da mulher e alcança, por isso mesmo, uma gama mais variável de possíveis respostas. Há, porém, uma grande diferença na opinião pública sobre a atuação relativa ao trabalho e à participação simplesmente decorativa e benemérita da mulher na vivência social. (TRINDADE, 1996, p. 147).

Considerações Finais

Entendendo a mídia como local de reiteração de sentidos, de representações, o principal objetivo desse trabalho foi analisar a forma como as mulheres da cidade de Curitiba eram representadas na revista *Gran-fina*, e de que forma o periódico se colocava como um “manual” a ser seguido pelas leitoras.

Percebe-se que as seções e colunas da revista utilizavam-se de dicas e conselhos para mostrar às leitoras a forma como elas deveriam agir em diferentes seguimentos da sociedade. Por se tratar de uma cidade bastante industrializada, mas que ainda procurava manter ares de cidade interiorana, observa-se que a revista insistia em promover perfis de boa filha, boa esposa e boa mãe, incentivando seu público leitor a manter, ou pelo menos, procurar manter, essas características.

Além disso, também é possível perceber que as próprias mulheres por vezes se colocavam contra essa “ida” da mulher para os espaços públicos, principalmente no que diz respeito ao mercado de trabalho. Havia uma ideia de que a mulher que estivesse saindo para trabalhar estaria mais sujeita à tentações, e que de certa forma ela abandonaria o lar, deixando filhos e marido em segundo plano.

Com esta análise de perfil identitário feminino pelas páginas da *Gran-fina*, tínhamos como objetivo, também, contribuir para o estudo da História da Imprensa no Paraná, um campo ainda vasto para exploração, apontando relações entre os discursos jornalísticos que circulam nesse espaço e a construção de subjetividades através deles.

Referências bibliográficas

BAPTISTA, Íria Catarina Queiróz. ABREU, Karen Cristina Kraemer. *A história das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial*. UNISINOS/UNISUL-BR.

BARBOSA, Marialva. *Percursos do olhar*. Niterói: EdUFF, 2007.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

BOSCHILIA, Roseli. *Entre fitas, bolachas e caixas de fósforos. A mulher no espaço fabril curitibano (1940-1960)*. São Paulo: Contexto, 2010.

BUITONI, Dulcília. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática, 1990.

CARNÉT DA MULHER QUE TRABALHA. **Revista Gran-fina**, Curitiba, n. 78, p.22, 1941

CARNÉT DA MULHER QUE TRABALHA. **Revista Gran-fina**, Curitiba, n. 79, p.15, 1941

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2004.

HUYSSSEN, Andreas. *Memórias do Modernismo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher*. S. Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MAIA, Rousiley C. M. “*Identidades coletivas: negociando novos sentidos, politizando as diferenças*”. In: *Contracampo*, nº 5, Rio de Janeiro: UFF, 2000.

MEU BEBÊ É MINHA VIDA. **Revista Gran-Fina**, Curitiba, n. 93, p.22, 1942.

MEU BEBÊ É MINHA VIDA. **Revista Gran-Fina**, Curitiba, n. 94, p.28, 1942.

NÃO CASE COM UM HOMEM PARA MUDAR-LHE O TEMPERAMENTO. **Revista Gran-Fina**, Curitiba, n. 73, p.23, 1941.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

PASSATEMPOS INOCENTES, MAS DE FUNESTOS RESULTADOS. **Revista Gran-Fina**, Curitiba, n.70, p.09, 1941.

TODAS QUEREM SER BONITAS. **Revista Gran-Fina**, Curitiba, n. 77, p.06, 1941.

TODAS QUEREM SER BONITAS. **Revista Gran-Fina**, Curitiba, n. 78, p.11, 1941.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. Clotildes ou Marias: Mulheres de Curitiba na primeira república. Curitiba: Farol do Saber, 1996.